



# “O SILÊNCIO TAM BÉM É RACISMO.”



OS INSULTOS  
E A SUA  
NORMALIZAÇÃO

Daniel Ramos, jogador de futsal, ficou perturbado com o que ouviu em campo, injúrias da bancada. “Cala-te ó preto”. Vitão, colega de equipa, não estava à espera de ser um alvo e só lhe aconteceu aqui, em Portugal. “Vai para a tua terra”. Jéssica Silva, jogadora de futebol, saía em lágrimas quando era mais nova. Chamavam-lhe “macaca”.

Ivan Almeida, basquetebolista, não quer que o assunto seja poeira varrida para debaixo do tapete. Já lhe chamaram “preto” num jogo. As palavras importam (e não são por acaso). São ataques. São ofensas. São opressão. São a desumanização.

“Preto”. “Macaco”. “Vai para a tua terra”. Junho de 2022, terceiro jogo do play-off da final do campeonato de basquetebol, apuramento de campeão, Porto-Benfica. Os insultos vêm da bancada. É a primeira vez que o basquetebolista Ivan Almeida, internacional cabo-verdiano, extremo do Benfica, é alvo direto de racismo dentro de campo. O diretor desportivo avisa o comissário de jogo que fala com o árbitro. Nada acontece, o jogo prossegue. “Como se encaixa tudo isto? Encaixar não consigo, isto não tem encaixe em lugar algum”, diz, um ano depois.

Quarta e última partida do play-off, Ivan Almeida está, por momentos, no banco. “Precisas de bananas? Se calhar, precisas de bananas”, escuta atrás de si. Não responde. O Benfica ganha, é campeão, levanta a bandeira do seu país e põe um dedo à frente da boca para calar racistas. É acusado de incitamento à violência no relatório do jogo, sobre os insultos racistas nem uma linha. “Por causa de um chiu e de uma bandeira correm atrás de mim, mas não andam atrás das pessoas que proferem injúrias racistas”.

Estamos em junho de 2022. “Os que calaram perante isto, e já passaram isto por baixo do tapete como poeira, também contribuem para o racismo. (...) O silêncio também é racismo”, escreve Ivan Almeida no Instagram. “Bem-vindos à minha selva”. A sua frase para quem lhe chamou “macaco”.

Março de 2023, Nun’Álvares-Torreense, 6.ª jornada da 2.ª divisão do campeonato de futsal, fase de apuramento do campeão. Dois jogadores do Torreense são vítimas de insultos

**“OS QUE CALARAM PERANTE ISTO, E JÁ PASSARAM ISTO POR BAIXO DO TAPETE COMO POEIRA, TAMBÉM CONTRIBUEM PARA O RACISMO”**

em Portugal desde os três anos, tem dupla nacionalidade. “Só em Portugal é que vejo fazerem o ‘uh, uh, uh’ da maneira que fizeram”.

Tunha, colega de equipa, internacional português, partilhou o vídeo desses insultos ouvidos em Fafe. Estão gravados. “Dois colegas/amigos durante o jogo todo foram ofendidos com bocas nojentas vindas da bancada”. “Aos tempos que correm e com toda a informação que dispomos, existem pessoas racistas é só triste/ridículo/nojento”. Pediu ação. O Nun’Álvares condenou a atitude dos adeptos, mostrou solidariedade com os jogadores insultados, prometeu que não voltará a acontecer. O Torreense agradeceu e espera que a justiça faça o seu papel.

Pouco tempo depois, outro jogo, mais insultos, desta vez dirigidos a Vitão, jogador de futsal do Torreense. “É deprimente porque você nunca espera passar por isto e quando você passa é algo que mexe bastante. Já joguei em diversos países e nunca aconteceu isso comigo, então, quando aconteceu, fiquei ‘opa, como assim?’” Em Fafe, já tinha ficado incomodado com os sons que imitavam macacos. “Quando aconteceu diretamente comigo, em Paços de Ferreira, fiquei meio sem rumo ali, no momento, e falei ‘caramba, como assim?’ Depois você vai digerindo, por mais difícil que seja, é preciso focar, mas é complicado”. Pediu para parar o jogo, pararam, tomaram nota da ocorrência, identificaram o rapaz, pediram os documentos ao jogador. O jogo continuou. “Não sei mais o que aconteceu,

## SE CONTINUAMOS A FICAR CALADOS, ESTAMOS A NORMALIZAR A SITUAÇÃO

racistas em Fafe. Gutta e Daniel Ramos. “Foi um susto, não estava a acreditar”, recorda Daniel Ramos. E conta como foi. “Chegou a uma altura do jogo em que o árbitro estava a falar comigo e com um jogador – uma picardia, uma falta entre ele e eu, ele estava no chão a reclamar e eu disse-lhe ‘levantate e vamos jogar à bola’. Foi quando um senhor disse ‘cala-te ó preto’, olhei para trás, como viu que não reagi, começou ‘vai para a tua terra’ e ‘uh, uh, uh’. Está tudo filmado, não há palavras”. Os uh-uh-uh são sons a imitar macacos.

A situação perturba-o de tal forma que na jogada seguinte revela o que lhe vai por dentro. “Perdi a cabeça e, logo a seguir, faço uma jogada em que quase arranco a camisola ao jogador, sem razão nenhuma, podia ter sido expulso. A cabeça não funcionou, o mister tirou-me de campo”. Levou amarelo, podia ter sido vermelho. “Isto tem de acabar, isto não é normal, torna-nos agressivos sem nós querermos. Estamos a fazer o nosso trabalho”, refere Daniel Ramos, são-tomense, mora

mas gostaria que tivessem feito alguma coisa, pelo menos para ele ver que isso não é um negócio normal, ‘vou chamar ele de preto, vou falar para ele voltar para a terra dele e está tudo certo’. Não, acho que não, ele tem de pagar, é o mais justo e o mais correto”. Tudo isso destabiliza o jogador e prejudica a equipa. Vitão chegou ao Torreense em janeiro deste ano. Tem 26 anos, jogou na Ásia, em países como o Japão e Cazaquistão, e ainda no Azerbaijão.

Jéssica Silva era mais nova, 16, 17 anos, por aí, jogava futebol, ouvia coisas feias dentro de campo, sobretudo fora de casa, em relvado adversário. “Macaca”. “Preta, vai para a tua terra”. “Aconteceu várias vezes, ficava triste, saía de campo a chorar”, lembra. Na altura, recorda, os jogos não eram transmitidos na televisão, a malta ia para os campos gritar, os adeptos, por vezes, até se esqueciam de apoiar a equipa, havia quem soltasse comentários racistas, o futebol era um veículo para extravasar tudo e mais alguma coisa. Os insultos não estavam



IVAN ALMEIDA



JÉSSICA SILVA

à vista de toda a gente. Neste momento, não é bem assim. “Agora é diferente, pelo menos não é tão agressivo. Há uma prevenção que não existia antes e isso ajuda”. As campanhas de sensibilização da federação, os alertas da comunidade, outra atenção, mais mediatismo, mais câmaras, mais televisão, mais exposição, mais controlo. Há outra sensibilidade. Apesar de tudo, Jéssica Silva sabe que ainda acontece um pouco por todo o lado. Ofender em vez de apoiar, injúrias em vez de diversão. “Acham-se no direito de insultar, de terem certos tipos de comportamentos que não são bem-vindos ao futebol, nem tão-pouco ao desporto”. Porque ferem, porque doem, porque desestabilizam.

**“UM JOGO À PORTA FECHADA,  
A CONVERSA MORRE,  
ACABOU”**

Voltemos a junho de 2022, ao que aconteceu a Ivan Almeida dentro de campo. “Se eu me virar para a bancada e chamar nomes, sou expulso. Mas o inverso não acontece”. A frase é sua e deu título de jornal. “Sofri racismo”. Ponto final. E não lhe venham dizer que é o calor do momento e que os adeptos defendem o seu clube até à morte. Não tentem convencê-lo de que o amor à camisola pode justificar insultos baseados na cor da sua pele. Expliquem-lhe, sim, por que razão quem insulta é desculpado e nada lhe acontece. “Tentam acalmar a pessoa que sofre com essas injúrias. A pessoa que sofre a

que isso não é por acaso. Se continuamos a ficar calados, estamos a normalizar a situação”. “Há um sistema armado para que as pessoas não tenham essa voz”, avisa.

Por vezes, Ivan Almeida pensa se estivesse na bancada e ouvisse comentários racistas dirigidos ao seu filho, o que aconteceria, como reagiria, em que dimensão entraria. Não esquece a educação que teve. “Sei quais os valores que os meus pais me transmitiram e esse tipo de injúrias não são valores que a sociedade deve ter, independentemente da cor da pele que temos, do país que somos, da língua que falamos”. Atenção, muita atenção ao assunto. “Temos de trabalhar nessa prevenção, numa altura em que se fala tanto em saúde mental”, defende.

A prevenção ajuda, mas não é suficiente. Mais regras, mais normas, mais penalizações. A educação também é importante. Educar pais, educar atletas, educar treinadores, educar intervenientes desportivos. “Acredito que as ligas e as entidades competentes estejam a tentar arranjar uma forma para que o racismo seja erradicado”, observa Jéssica Silva. Continuar o caminho da sensibilização, o trabalho na prevenção. Mas, no fim de tudo, quem é vítima acaba por ser quem mais sofre. A futebolista sabe que tem responsabilidade, até pela exposição que tem, mas questiona como tudo acontece, quando tudo está à vista de toda a gente. “Não devia ser o atleta a se expor, acaba por haver um desgaste, muitas vezes, os atletas são desprotegidos”. São eles que falam, que dão a cara, que colocam o assunto na ordem do dia, na linha da frente. Sem rede, sem proteção. “É muito importante proteger as vítimas”.

“  
**ISTO NÃO É SÓ RACISMO  
É MUITO MAIS DO QUE ISSO**  
”

injúria é que está exaltada? Não entendo”. “Até sofrer na pele é que senti a dimensão do racismo dentro do campo”.

O basquetebolista sente que pode ser a voz daqueles que não têm voz, das vítimas de racismo dentro e fora do campo, no local de trabalho, na rua, dentro e fora de portas, em frente a um restaurante, como já lhe aconteceu. Onde for. O racismo é um assunto que não pode ser varrido para debaixo do tapete. Vive-o na pele, conhece histórias, recebe mensagens e desabaços de quem também o sente e sofre. “Há pessoas que não podem falar, que não têm condições para reclamar, meios para denunciar, um advogado para as defender. Eu posso ser essa voz para que possam responder de alguma forma, para que possam ter coragem para fazer essa denúncia, para que saibam que não estão sozinhas”. Tanta gente que cala por medo, engole por receio de represálias. “Nós sabemos

**“NÃO DEVEIA SER O ATLETA A SE EXPOR,  
ACABA POR HAVER UM DESGASTE,  
MUITAS VEZES, OS ATLETAS SÃO  
DESPROTEGIDOS”**

Jéssica Silva recua pouco tempo, até 4 de abril de 2023. O avançado belga Lukaku do Inter de Milão foi expulso no jogo com a Juventus, nas meias-finais da Taça de Itália, depois de ter reagido aos cânticos racistas que vinham da bancada, quando se preparava para marcar o penálti que deu o empate. Celebrou, fez o gesto de mandar calar, disse e repetiu a frase “calem-se”. A futebolista da seleção nacional sabe. “É mais fácil punir as vítimas do que punir os agressores”.

Daniel Ramos, 35 anos, a jogar futsal desde os 14, passou pela Roménia, República Checa e Itália. Postou o vídeo dos insultos de que foi alvo nas redes, Tunha também o fez, a bolha rebentou. “Toda a gente a pedir desculpa, várias mensagens, mas não dá em nada, não vale a pena”. Tem de acabar, mas não acaba. “O clube faz um jogo à porta fechada e acabou, a conversa morre, esquecem-se das coisas. E vai ser sempre

assim. Amanhã vai acontecer com fulano, vai entrevistar o fulano, depois a conversa morre, nunca vai acontecer nada contra o racismo, o racismo é uma coisa que nunca vai acabar. Nunca, nunca. Quem é racista ensina os filhos a serem racistas, depois os filhos ensinam os filhos, nunca vai acabar”. Daniel Ramos confessa que não é fácil, nada fácil. “Depois passa, mas fica sempre aquela sensação. Marcar golo e tapar os ouvidos é a melhor resposta que podemos dar. O que podemos fazer mais? Vamos estar a responder para a bancada para sermos expulsos? O nosso trabalho é estarmos concentrados dentro de campo”.

Não ao racismo é um slogan que se ouve em muitos jogos, em tantos campos. “E porque não se aplica isso?”, pergunta Vitão. Não falar apenas, colocar em prática também. “A lei devia ser justa em todos os casos porque racismo é crime, mas, até ao momento, nada foi feito e não sei se vão fazer algo”. Pouco acontece, continua tudo na mesma. É como andar numa passadeira rolante sem sair do sítio.

Os comunicados dos clubes e os pedidos de desculpa não são suficientes, para Vitão. “É como agredir alguém e depois peço desculpa, é a mesma coisa”. “Não queria que ninguém passasse por isso, mas no mundo em que vivemos está sendo meio que normal. Deviam acabar com isso logo de uma vez por todas”. Vitão, brasileiro, de São Paulo, recorda o que está a acontecer ao jogador Vinícius Júnior, seu compatriota a jogar no Real Madrid. “Estão chamando ele de macaco todos os jogos. É triste”.

A situação corre mundo. A 21 de maio de 2023, jogo Valência-Real Madrid, Vinícius Jr., de 22 anos, é insultado pelos adeptos

Vinícius Jr. agradeceu. “Tenho um propósito na vida e se eu tiver que sofrer mais e mais para que futuras gerações não passem por situações parecidas, estou pronto e preparado”, escreveu no Twitter.

### **A COR DA PELE, A VIOLÊNCIA, A DISCRIMINAÇÃO**

16 de fevereiro de 2020. Marega, então jogador do Futebol Clube do Porto, abandona o jogo, deixa o relvado do Vitória de Guimarães devido a insultos e cânticos racistas da bancada (a imitação de sons de macaco foi uma constante, ouviu “macaco”, “preto”, “chimpanzé”, uma cadeira voou na sua direção, os insultos começaram no aquecimento). Pouco depois de marcar o 2-1, o jogador maliano sai de campo visivelmente revoltado. Um facto inédito no futebol português. Ninguém conseguiu demover Marega da sua decisão, apesar dos esforços dos colegas de equipa, treinador, equipa técnica, jogadores adversários. O árbitro mandou seguir o jogo. Sérgio Conceição reage na conferência de imprensa. “Nós somos uma família, independentemente da nacionalidade, da cor da pele, da altura, da cor do cabelo. Nós somos uma família. Somos humanos. Merecemos respeito. O que se passou aqui é lamentável. Lamentável”. Marega escreve no Instagram: “Gostaria apenas de dizer a esses idiotas que vêm ao estádio fazer gritos racistas... vão-se foder. E também agradeço aos

“

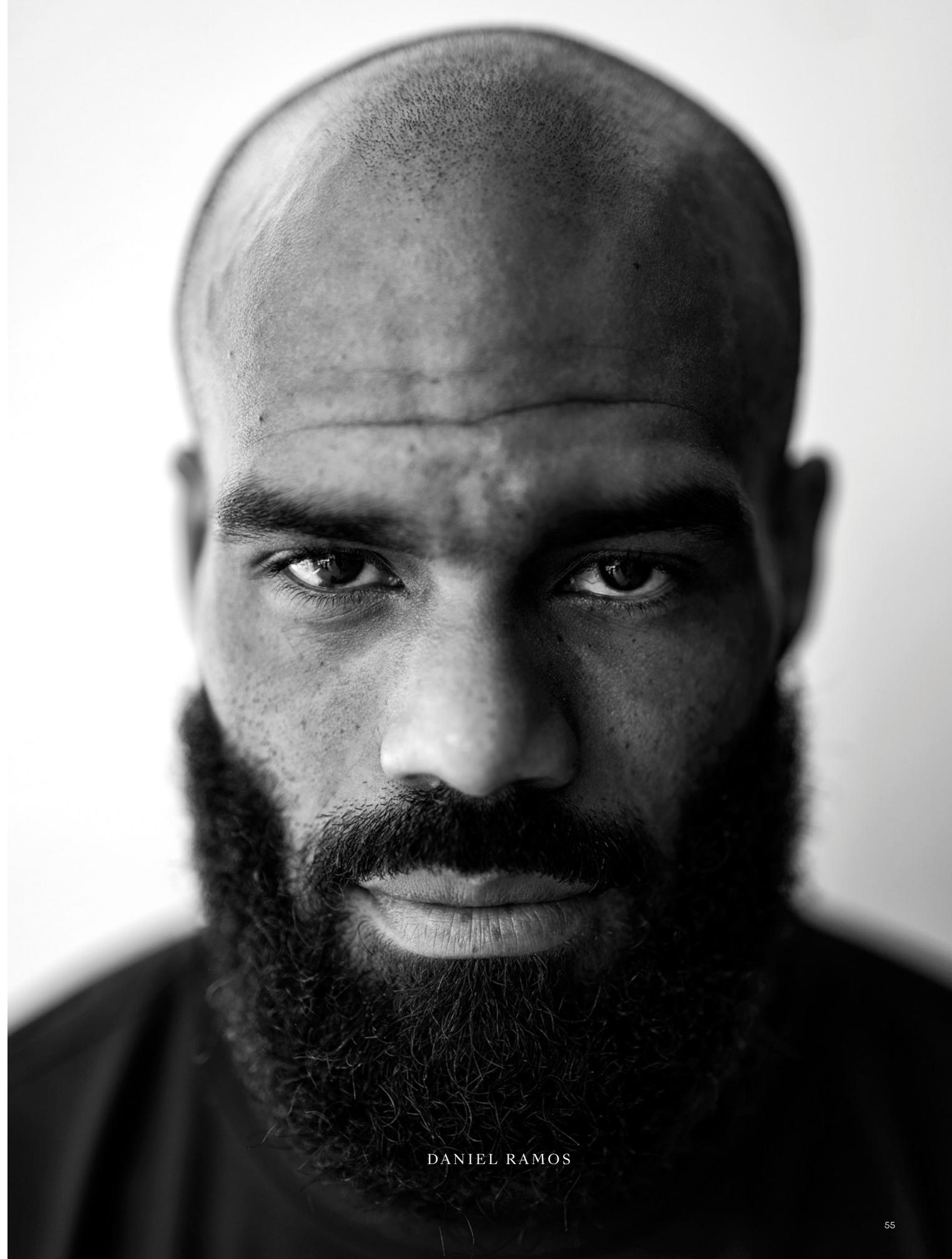
## **TODA A GENTE A PEDIR DESCULPA, VÁRIAS MENSAGENS, MAS NÃO DÁ EM NADA, NÃO VALE A PENA**

”

da bancada. “O prémio que os racistas ganharam foi a minha expulsão. Não é futebol, é a La Liga. Não foi a primeira vez, nem a segunda e nem a terceira. O racismo é o normal na La Liga. A competição acha normal, a Federação também e os adversários incentivam. Lamento muito. O campeonato que já foi de Ronaldinho, Ronaldo, Cristiano e Messi hoje é dos racistas”, escreveu Vinícius Jr. nas redes sociais. O seu treinador falou do assunto na conferência de imprensa. “Não quero falar de futebol. Quero falar do que aconteceu, acho que é mais importante”, disse Ancelotti. “Um estádio inteiro grita ‘macaco’ a um jogador e um treinador pensa em tirar um jogador por causa disso. Ele não queria continuar, eu disse-lhe que não acho justo que ele saia porque ele não é o culpado, ele é a vítima, e ele continuou”. No dia seguinte ao jogo, o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, esteve às escuras durante uma hora em solidariedade com o futebolista brasileiro.

árbitros por não me defenderem e por terem me dado um cartão amarelo porque defendo a minha cor da pele”. Três adeptos foram identificados e condenados a uma multa de mil euros cada, um ano de interdição em qualquer recinto desportivo, um pedido público de desculpas num jornal local. O Vitória de Guimarães foi castigado com seis jogos à porta fechada, cumpriu três, apanhou uma multa de cerca de 53.500 euros referente a comportamentos discriminatórios, o clube recorreu, aguarda-se decisão judicial.

Um ano antes, Nuno Pinto Leite analisava conteúdos relativos a três atletas de origem africana para perceber em que medida o fenótipo influencia a atitude dos média e da sociedade, na sua dissertação “A representação dos agentes desportivos africanos nos média”, no âmbito da sua tese de mestrado em Estudos Africanos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Marega é um desses atletas estudados - o judoca



DANIEL RAMOS



VITÃO

Jorge Fonseca, nascido em São Tomé e Príncipe, e a campeã olímpica Caster Semenya, atleta sul-africana, são os outros dois.

Entre junho de 2018 e agosto de 2019, Nuno Pinto Leite debruçou-se sobre artigos, reportagens, crónicas, colunas de opinião, ensaios, entre outros conteúdos, publicados num jornal desportivo (O Jogo) e num meio de comunicação social generalista (Público). Queria perceber até que ponto a origem africana, as características físicas, as aptidões técnico-táticas, a lente colonial, as ideias estereotipadas, racistas e xenófobas moldam o discurso, a perceção do que acontece.

As expressões “montanha de músculos”, “brutamontes com três pés esquerdos” e “nunca jogará um futebol loiro de olhos azuis” foram aplicadas a Marega nos jornais. “Os estereótipos básicos sobre jogadores africanos e/ou negros e a menorização das aptidões técnico-táticas - que contrastam com a sobrevalorização dos aspetos físicos - fizeram parte do cardápio das notícias, mas também dos textos de opinião, fossem eles assinados por jornalistas, fossem assinados por comentadores”, repara Nuno Pinto Leite na sua tese.

“A sobrevalorização do corpo e dos aspetos físicos nos agentes desportivos africanos, acompanhada do menosprezo por questões mais relacionadas com a mente, com o intelecto, com as vertentes técnico-táticas, foi uma realidade, tal como algumas noções homogeneizadas de África ou o apelo a uma ideia em que Portugal, a Europa e o Ocidente são tomados como o caminho do progresso e colocados num plano de su-

**“A LEI DEVEIA SER JUSTA EM TODOS OS CASOS PORQUE RACISMO É CRIME, MAS, ATÉ AO MOMENTO, NADA FOI FEITO E NÃO SEI SE VÃO FAZER ALGO”**

para É necessário ter noção do impacto do que está nas entrelinhas, defende. É preciso mudar o discurso para mudar o paradigma. É preciso debater o assunto nas redações, na sociedade, no ensino, na política, no mundo do trabalho. “Não há uma reflexão interna e mais alargada nos média sobre o que podemos fazer para que estas situações se alterem”. E essa é também responsabilidade social do jornalismo.

Os casos não param e vão sendo tornados públicos. Cíntia Martins, jogadora dos escalões de formação do futebol feminino do Sporting, de 14 anos, foi vítima de insultos racistas da bancada. Chamar-lhe “macaca”, reagiu, foi expulsa.

O seu treinador Paulo Conceição reagiu nas redes sociais. “Hoje de manhã tinha tudo para ser um domingo normal, dia de jogo, mas não foi. Uma das minhas jogadoras foi vítima de racismo por parte de adepto/s adversário/s. Durante o jogo, foi alvo de vários comentários que ofendem qualquer jogadora que joga e percorre um sonho”.

André Clóvis, médio brasileiro do Académico de Viseu, também foi alvo de comentários racistas em campo adversário, jogo da II Liga de futebol, no Estádio São Luís, em Faro. Tudo aconteceu no dia 20 de agosto de 2022. O Farense foi punido com dois jogos à porta fechada e 33.470 euros de multa por comportamentos discriminatórios.

Jéssica Silva, 28 anos, internacional portuguesa, campeã nacional da I Liga de futebol feminino pelo Benfica na época que terminou, da seleção nacional desde os 16 anos, a caminho

“  
**NÃO QUERIA QUE NINGUÉM PASSASSE POR ISSO, MAS NO MUNDO EM QUE VIVEMOS ESTÁ SENDO MEIO QUE NORMAL**  
”

perioridade em relação ao continente africano - tido como mais desfavorável e conjecturado num papel de maior subalternidade”, conclui.

Nuno Pinto Leite, investigador do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, jornalista d’O Jogo durante dois anos, constata que a lente colonial e os juízos de valor explicam “a facilidade com que se pode estereotipar ou discriminar alguém, mesmo pensando que se está a ser politicamente correto”. Acredita que não será intencional e esclarece que o seu trabalho não surge apontar o dedo, mas sim estimular a reflexão. “Se não temos consciência de que o que produzimos nos média é a reprodução de noções enviesadas, há um trabalho importante a fazer”.

do Mundial, mais de 120 internacionalizações, é das jogadoras de futebol com mais visibilidade, mais influência, seguida por mais de 621 mil nas redes sociais. É negra, é futebolista, tem sucesso. Faz o seu trabalho e é respeitada. Há anos que não se recorda de ser um alvo racista dentro do campo. Mas quando foi apresentada como reforço da equipa feminina de futebol do Benfica, surgiu um comentário escrito. “Para uma preta, até tem umas feições bonitas”. Ela, que já jogou na Suécia, nos Estados Unidos da América, em França, soube disso dias depois. Não ficou surpreendida e não se deixou perturbar. “Não mexeu com o meu lado emocional”, assegura. E pensou: “Isto não é só racismo é muito mais do que isso”.



### A INEFICÁCIA DOS MECANISMOS DE CONTROLO

O racismo no desporto existe, é noticiado, está documentado, mas como matéria de estudo em Portugal é um fenómeno relativamente recente. Os resultados do primeiro Estudo Nacional sobre o Racismo no Futebol em Portugal: Percepções e Vivências, desenvolvido pela Associação Plano I, através do projeto Black Lives Matter in Football, foram divulgados publicamente em setembro de 2020. “Face à escassez de investigações científicas sobre esta matéria, e tendo a associação um interesse particular em intervir no sentido de prevenir e combater processos e dinâmicas de discriminação e violência social, considerou-se que estavam reunidas as condições para mapear a realidade do racismo no futebol em Portugal”, adianta Sofia Neves, coordenadora científica do estudo, psicóloga, presidente da associação.

A cor da pele é um dos fatores de discriminação mais referidos pelos participantes no estudo – 1681 pessoas, adeptos, treinadores, atletas profissionais e amadores, árbitros, encarregados de educação, 456 do sexo feminino, 1221 do sexo masculino, quatro não binárias. Cerca de 60% dos participantes no estudo consideram que há racismo no futebol em Portugal (73,2% das mulheres e 50% dos homens) e 52% referem ter vivenciado ou assistido mais do que uma vez a casos de racismo nesse contexto.

Os atletas profissionais e amadores são o grupo mais afetado por episódios de racismo no futebol, sobretudo do sexo masculino – 93% das mulheres consideram que 74,9% dos casos dirigem-se aos homens, 90% dos homens referem que 82,5% dirigem-se a atletas do sexo masculino. Menos de 21% dos casos vivenciados ou testemunhados são denunciados

quer aos treinadores, quer aos árbitros. A violência verbal é a manifestação mais comum de racismo no futebol, sobretudo por adeptos e logo a seguir pelas claques. “Tendo em conta que são as pessoas adeptas aquelas que surgem identificadas como as que mais cometem atos de racismo contra atletas, a promoção da literacia desportiva deveria ser uma prioridade em termos de prevenção”, realça Sofia Neves.

O tratamento destes casos é considerado desadequado por 86,8% das mulheres e por 82,8% dos homens inquiridos. O fator que melhor explica esse tratamento desadequado é a desvalorização da gravidade dos casos, o que revela a ineficácia dos mecanismos de controlo e aplicação da lei. A punição dos adeptos e o investimento na educação são as medidas que, para os participantes no estudo, melhor poderiam contribuir para prevenir e combater essas situações.

“Nenhum ato de racismo pode ser desculpável, justificável ou tolerável. O racismo é um problema estrutural que deve ser combatido estruturalmente”, refere Sofia Neves, que considera fundamental “zelar para que a cultura desportiva, de um modo geral, assuma uma postura antirracista, em todas as suas frentes e de modo ativo, aumentando a consciência face aos impactos e às consequências que o racismo efetivamente tem na vida daqueles e daquelas que o sofrem”. Na altura da apresentação dos resultados, muitas vozes se levantaram, se indignaram, pediram reforço nas estratégias. Sofia Neves não viu alterações. “Em termos de mudança efetiva, muito pouco tem vindo a acontecer no país. Os casos de racismo continuam a fazer notícia e raramente se conhecem as sanções aplicadas a quem os protagoniza”, sublinha.

Desde o início da sua atividade, em 2019, a Autoridade para a Prevenção e o Combate à Violência no Desporto (APCVD) recebeu 79 processos com indícios relacionados com racismo ou xenofobia em contexto de espetáculos desportivos – 12 ainda estão em fase de instrução. Dos 67 processos concluídos,

registam-se 19 decisões condenatórias de caráter definitivo, sem possibilidade de recurso – 17 são medidas de interdição de acesso a recintos desportivos por infrações relacionadas com racismo ou xenofobia. Trinta processos foram remetidos ao Ministério Público, em 12 não foi possível identificar o infrator, em cinco não existe matéria de prova, segundo considerações da APCVD ou do tribunal.

A APCVD revela ainda que o valor médio das coimas aplicadas foi de 780 euros – a mais baixa de 375 euros, a mais alta de 1500. Quanto aos adeptos sujeitos a medidas de interdição de acesso a recintos desportivos, são maioritariamente do género masculino (82%) e residentes nos distritos do Porto (47%), Aveiro (12%), Braga (12%), Funchal (6%), Lisboa (6%), Ponta Delgada (6%), Setúbal (6%) e Viseu (6%). Trinta e cinco por cento desses adeptos têm entre 36 e 45 anos, seguindo-se a faixa etária dos 46 aos 55 anos com 29%. A maioria das situações reporta-se, de longe, ao futebol, com 88%, seguido do andebol e da patinagem artística, ambos com 6%.

Há sanções, contraordenações, multas, jogos à porta fechada, proibição de entrar em recintos desportivos. Ivan Almeida sabe o que deveria ser feito. A equipa abandona o local de jogo, as autoridades policiais identificam a pessoa ou pessoas que insultam e que são retiradas imediatamente do recinto, abre-se uma investigação, aplicam-se sanções, multas, bane-se para a vida o acesso a um espaço desportivo se necessário for. Todos concordam eu deveria ser assim – todos os que sofrem racismo na pele.

“Não é um assunto muito debatido. O racismo está de tal forma enraizado na nossa sociedade que acaba por ser um tema banalizado, que ninguém liga”, comenta Jéssica Silva. Tornou-se vulgar. “Não deixo de fazer o meu trabalho, tenho esse respeito, mas também fere, também dói um bocadinho”. “E cá estou a tentar lutar contra este tipo de comentários”, avisa a futebolista.

Ivan Almeida, 34 anos, bacharelato em Engenharia Informática e licenciatura em Design Gráfico, na seleção nacional de basquetebol de Cabo Verde desde 2006, jogou e viveu em vários países, Estados Unidos, França, Polónia, Estónia, Israel, República Checa. Na época que terminou, vestiu a camisola 96 do Benfica. Também é artista musical, desde miúdo que faz músicas, a paixão começou a ficar mais séria a partir de 2016, comprou teclados, placas de som, escrevia letras e refrões para um amigo, este ano lançou o single “F.A.M.E.” com o amigo August Silva, e apareceu pela primeira vez a cantar em público no programa “Conversas ao Sul” da RTP África. Canta em crioulo e diz na sua língua:

“  
**Não acreditaram  
Eles tentaram  
Pisar-nos nos pés  
Nada se consegue sem trabalho  
Sem medo de cair  
Porque eu nasci para vencer.**  
”

A sua voz não cala.  
Nem consente.